

De Rubem Braga Para o DIARIO CARIOCA

ESSA ESTRANHA GUERRA

Sob o Signo da Fatura — A Gasolina, Oh Cario-
de Saber Quando o Tanque Está Cheio: a Gaso-
cando !” — E os “Pracinhas” Bebem Suco de
A Porta Era de Um Convento e a
cas, Existe em Chafarizes — Há Um Meio Facil-
lina Estravasa — “Esta Guerra Está Me Engor-
Grape-Fruit — Bateu na Porta e Pediu Agua —
Irmã disse : “Poverino, Acqua !”

Acabamos de visitar o PC de uma unidade que se prepara para entrar em ação. e espera o sinal convencional. Numa aldeia, bato á porta de uma casa para beber agua. Esta é uma guerra estranha. Em primeiro lugar, é uma guerra feita sob



Rubem Braga

nada, nem assinar nenhum papel. Basta dizer:
— OK, Joe.

Roupa e comida não faltam. Rações K, rações C, monotonas mas substanciais; e ás vezes, como hoje mesmo, o milagre supremo do tutu, farofa, depois da canja, uma verdadeira canja de galinha — e carne de vaca, honesta carne de vaca legitima, sem nenhum desidratamento. Sim, esta é a guerra da fatura: temos cigarros bastante para atender a milhares de bambinos filantes que pedem para “mio oão”, para “mio nono”. Diante de-

sa população miseravel somos todos milionarios. Squeff, do “Globo”, queixa-se amargamente:

— Esta guerra está me engordando!

E os pracinhas bebem suco de “grape-fruit”. Mas no momento eu quero agua. A porta se abre, estou dentro de um convento ou um colegio de freiras. Alguem vai me buscar agua, e enquanto espero, sou apresentado á superiora. Em minha frente ha um quadro flamengo do seculo 16. A Senhora sustenta no braço o Menino, que segura os deditos do pé esquerdo com a mão direita.

E' uma tempera, e sua graça inesquecivel se destacava entre varios oleos mediocres com retratos de martires. Trazem no o copo da agua, mas a superiora não deixa que me entreguem.

Exclama:

— Poverino, acqua!

A primeira palavra, que se

9/12/44

85

refere a mim, é cheia de piedade cristã a segunda, que assinala o líquido, é dita com um belo desprezo pagão. Uma freirinha sorridente some por uma escada e volta com um copo do melhor vinho tinto que já bebi em toda a Itália.

Estou tão acostumado a pagar (gastamos a todo momento montes de liras) que quase pergunto o preço, distraidamente. Estou cercado de freiras e elas me perguntam si aquele lugar ainda vai ser bombardeado: duas horas antes os tedescos (os brasileiros já não dizem "alemães": por influencia italiana só falam em "tedescos") mandaram algumas bombas. Com a certeza tranquila de um general, prometo que expulsaremos os alemães para tão longe que eles não poderão arrebatentar o convento. Mas aparece uma velha, que tem os olhos cheios de medo. Diz que tem uma filhinha, está com medo, quer saber si os alemães bombardearão outra vez o lu-

gar. Infelizmente o comando alemão não me informa sobre o problema de sua artilharia. Procuo tranquilizar a velha e ando pelo corredor, vou visitar uma igreja. Vejo um pulpito maravilhoso em travertino e depois uma terra-cota de Luca dela Robbia ou de sua escola. Dois anjos que na verdade são duas lindas adolescentes de asas guardam o santo oleo. Mas a velha veio atrás de mim, diz que tem muita "paura" por causa da filha, quer uma certeza. Aconselho-a a ir-se embora, si está com tanta "paura".

9/12/44